



VIA CRUCIS

Ruy Ventura

*Com Jesus na pena pego,
Sobre esta obra a venho pôr,
Que Jesus é meu autor,
Dá-me luz, p'ra não ser cego.*

(tradicional)

Uma figura atravessa a imperfeição da luz. Talvez, perdendo-se, encontre o rumo que conduz do joio ao indizível. Pode forçar a nuvem, sabendo de antemão – a nuvem permanece. Ou criar outra nuvem e esclarecer a sequência dos veios da madeira. Nela terá de entrar, contudo, um líquido escuro. Talvez assim a espiral governe (mantenha em movimento) o motor que comove a existência.

1.

[Jesus é condenado à morte]

João:

Quem te condenou, se contigo todos fomos condenados?
As mãos lavadas? Na noite, o pesadelo? O teu silêncio?
Os gritos da multidão? Bebeste os tormentos da árvore,
Que o sangue, mesmo transpirado, nunca apagará uma traição.
(Os beijos matam, enforcando a cobardia.) Não vale a pena fugir.
Mais vale guardar a espada e aceitar a dúvida como manto
De agonia. Nas dobras do lençol, todos morreremos.

2.

[Jesus toma a cruz aos ombros]

João:

Todos fomos condenados. E és tu, sozinho, quem carrega
O peso do mundo? Mesmo seca, a madeira é globo pesando
Sobre os ombros. A trave semeia no húmus da incerteza,
Salgando a terra, injectando seiva nos olhos de quem vê.
A insegurança dos passos liberta-nos da lama dos caminhos.
Talvez a madre nos ofereça a leveza do firmamento. Talvez
A árvore venha a florescer sobre as ondas do oceano.

3.

[Jesus cai pela primeira vez]

João:

Cairíamos se transportássemos esse globo de madeira.
Caímos, todos os dias, vergados pelo peso dos ossos
E da carne. Há no cruzamento uma expansão da dor.
A coluna receberá na colina um lintel ensanguentado.
É nosso o vermelho, escorrendo entre os veios
Desse tronco de oliveira. Teus joelhos sobre a terra
São vozes e sombras rasgadas pelo fogo eterno.

4.

[Jesus encontra sua Mãe]

Madalena:

Lentes – essas lágrimas que transformam o teu rosto.
Cobrem de dor os teus olhos. Ardem. Trazem fogo
E ateiam esse sangue, dilatando a cegueira. Ardem.
Fazem ver, mesmo a madeira da imagem que nenhuma
Flama pôde consumir. Não há palavras nesse encontro.
Um grito – um só grito –, que a soledade suspende
As cordas na garganta, dissipando todas as nuvens.

5.

[O Cireneu leva a cruz de Jesus]

Simão de Cirene:

Não consigo fugir desse braço que me chama. Trago
No corpo a fadiga da terra. Deixei na sementeira
Toda a força – e nada mais consigo suportar. Não te
Conheço. Mal sei o teu nome. Como posso agora
Fazer meu esse tronco, sem cair? Tenho medo.
Sinto todavia a chama desse braço, no madeiro.
Não arde. Flutua. Perdendo, vence as ondas e caminha.

6.

[A Verónica enxuga o rosto de Jesus]

Verónica:

Talvez os espinhos floresçam sobre o manto. Talvez
A terra, a água, o fogo se misturem – e sejam tinta.
Sem vento, não darão contudo uma imagem tua.
Não existo. E no entanto vivo. Guardo a face
Sem figura. Consola. Espicaça. Escarifica, informe,
Todas as memórias que nunca registarei: sombra
E sangue, sangue, suor e poeira – por entre as lágrimas.

7.

[Jesus cai pela segunda vez]

Madalena:

A madeira verde não arde. E, por isso, cai – fogo sendo
Nas margens do oceano. Não há flama nem sopro sem
Árvore. A exaltação parece um naufrágio quando a terra
Recebe o corpo por inteiro – astro perfurando os olhos,
Abrindo crateras no meio da cidade e no seu deserto. Sem
Queda, como poderias subir? Verde-luto esse nascimento –
E a claridade do arco que a todos dá luz e incendeia.

8.

[Jesus consola as mulheres de Jerusalém]

Mulher:

Se a terra precisa de sal, como negar aos olhos todas as lágrimas
Que a noite há-de gerar? A dor acende lâmpadas no corpo
E na memória, guarda no oceano a intensidade de uma voz
Sem palavras. Chegaremos a ser o sal na terra? Por nós
Choramos e bebemos as lágrimas, vendo nesse rosto
O espelho de um futuro em que não cremos (abraço
E fuga, fuga e fogo, fogo e flama, flama e cerração).

9.

[Jesus cai pela terceira vez]

João:

Se a árvore, mesmo verde, tem de cair, como poderei
Resistir à força do vendaval? Não passo de um sobreiro
Ressequido à espera de ser cinza. Hei-de arder, serei
Talvez uma espécie de brasa. No fim serei, contudo,
Apenas cinza, sem lugar entre as leiras de cultivo.
Teu corpo, sim, quando cai é para crescer, brotando
Como planta, sombra, água – entre as areias do deserto.

10.

[Jesus é despojado das suas vestes]

Jesus:

Chego ao meu lugar. Nu, aguardo a paz e a ciência. Deixo
À terra o que lhe pertence e, nesta pedra, algumas gotas
De sangue que o caminho não pôde dissolver. Nada
Me poderia revestir (nenhum tecido). Tudo vos pertence,
Todas as palavras, todos os fios que entrego à dispersão.
Não tenho costuras. Por isso espero outra tenda,
Outra túnica, tecida (perdida) entre palavras de areia.

11.

[Jesus é crucificado]

Homem:

Seria de oliveira o tronco onde elevaram o vulto da serpente?
Leio – e não sei onde posso curar-me. Recordo, cantando,
A frente, o cabelo, os olhos, o pescoço e o mais – que não
Sei pronunciar. Canto, bebendo lágrimas que não vejo. Bem
Sabem o que fazem quando, agora, te crucificam, rejeitando
As chagas, escondendo todas as feridas. Lanças de treva,
Nossas mãos perfuram o teu lado como vozes sem fogo.

12.

[Jesus morre na cruz]

Jesus:

Nada está consumado. O abandono é tão só um grito, o temor
Da luz quando o lume desfaz a humanidade, cegando as palavras,
Rasgando o diafragma, exalando toda a solidão. Esvazio-me
No esplendor da noite. Desço e subo as escadas. Aceito e rejeito
A montanha. Tenho sede e, coroado, não posso beber-me. Por isso
Entrego a minha morte e fecho os olhos, levando ao paraíso
A secura dos ramos e todas as raízes que quebraram a janela.

13.

[Maria recebe o Filho morto nos braços]

João:

Nem esperança, nem memória. Dor somente. Pranto
E incerteza. (Não tenho casa onde possa resguardar-te.)
Medo. E um rosto sem figura (sal e sangue, fogo e escuridão –
Numa espada atravessando e suspendendo as palavras).
Medo e temor. Corpo ou serpente? Não subo. Permaneço.
O vaso prenuncia o abismo. Sem flama, como poderei
Conjugar o verbo que há-de mover e reanimar os tecidos?

14.

[Jesus é sepultado]

Maria:

Se a madeira me pertence, como posso deixar aqui
Um tronco verde? Seco, o cruzamento que a plaina
Afeiçoou, que a tarde ergueu sobre o crânio (mastro
De um navio prestes a naufragar). Não há todavia
Secura que o fogo não reverdeça. Não tenho lágrimas
Na caverna. Um grito apenas. Tão fundo que parece
Silêncio. Nome e verbo que ninguém pode dizer.

A palavra não altera a surpresa da metamorfose. O anúncio divide a estranheza do horizonte. O corpo escreve, mas nada regista sobre o corpo que oferece. Homem ou linha ininterrupta? Que cor a da serpente? A forma ilude a cerração. O desejo destrói essa figura onde um corpo sem ossos restaura os objectos e a memória. Ressuscitar é recompor os átomos carbonizados pela introdução do ferro e da madeira entre os músculos e os ossos. O tecido emerge no lugar da ausência. Dissipa o negrume. Acrescenta sombra ao centro da cidade, como se a morte fosse adubo na raiz da oliveira.

*Não a nós, ó Senhor, não a nós,
mas ao Teu nome dá glória,
pelo Teu amor e fidelidade.*

(Sl 115, 1)

NOTA

Os poemas em prosa que enquadram esta sequência tiveram a sua edição inicial em *Contramina* (Évora, 2012), embora agora se incluam com acrescentos e alterações. O primeiro deles tem referências ao tratado místico medieval *The Cloud of Unknowing*.

No que respeita às estrofes que compõem as falas de cada uma das estações, há relações intertextuais e artísticas que convém explicitar. A maior parte diz respeito aos relatos bíblicos da Paixão, nomeadamente: Mt 27, 26 (1); Jo 19, 17 – 18 (2); Lc 23, 26 (5); Lc 23, 28 e 31 (8); Jo 19, 23 (10); Jo 3, 14 e Lc, 33 – 34 (11); Jo 19, 30 e Mc 15, 34 e 37 (12). Duas delas remetem para gravuras da colecção do autor: *Senhor Jesus da Consolação, e Pai das Misericórdias*, executada em 1807 por Francesco Bartolozzi a partir de desenho de Nicolau Delerive (3); e *Mater dolorum*, gravada em 1701 por R. V. Auden Aerd, fixando uma pintura de Carlo Maratta (13). Há, ainda, um par de alusões a textos tradicionais recolhidos na região de Portalegre: “*Lá em cima ao Calvário / está uma cruz de oliveira, / por ser o mais lindo cravo / que nasceu entre a roseira*”, início do romance *Martírios do Senhor* (3); e “*Verde foi meu nascimento / e de luto me vesti. / Para dar a luz ao mundo / Mil tormentos padeci*” (9).

*

Esta sequência é oferecida – *ex voto* – ao Senhor Jesus das Chagas, cultuado na igreja da Santa Casa da Misericórdia de Sesimbra.

É dedicada pelo autor a Sua Santidade o Papa Francisco.

*Sopé da Arrábida, Quaresma de 2015,
no 395.º aniversário da morte de frei Agostinho da Cruz.*